

O Brasil Segundo Olhos Estrangeiros: A Cobertura Jornalística de um Correspondente Internacional em Tempos de Megaeventos Esportivos no País¹

Maria Clara Nicolau VIEIRA²

Resumo

O artigo propõe-se a contextualizar e refletir sobre o ofício do correspondente estrangeiro no atual cenário jornalístico mundial. A segunda parte deste trabalho é composta pelo levantamento, análise e discussão da cobertura realizada por um jornalista estrangeiro durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. Foram estudados textos retirados do site do jornal norte-americano *The Washington Post*, assinados pelo correspondente Dom Phillips, sediado do Rio de Janeiro (RJ). Este artigo é resultado de pesquisa inicial desenvolvida para dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave

Correspondente estrangeiro; Jornalismo internacional; Jornalismo online.

Corpo do trabalho

A primeira parte deste artigo objetiva refletir sobre o conceito da profissão de correspondente estrangeiro; sua relevância no atual contexto histórico; o perfil deste tipo de jornalista e as dificuldades enfrentadas especificamente por estes profissionais. O assunto é relevante no atual cenário de alta conectividade em que boa parte da sociedade se encontra imersa. Graças às tecnologias e dispositivos eletrônicos, as distâncias entre países e pessoas de diferentes culturas estão cada vez menores. No entanto, não é fácil compreender o que se passa em outras nações – aí entra o papel do correspondente.

Ele trabalha como um decodificador que reporta os fatos de terras distantes para seus conterrâneos. No entanto, apesar da importância do correspondente, a literatura sobre este profissional é ainda escassa em língua portuguesa, conforme alerta Carlos Eduardo Lins da Silva (2011), ex-correspondente e doutor em Comunicação pela USP.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do PPGCOM da ECA-USP, email: mclaranicolau@gmail.com ou maria.clara.vieira@usp.br

O correspondente estrangeiro é uma figura quase mítica na carreira jornalística, pois há toda uma aura de aventura e glamour que envolve tal posto. Nas palavras de Antônio Brasil, jornalista, ex-correspondente e atualmente professor na Universidade Federal de Santa Catarina:

Durante quase um século, o posto de correspondente estrangeiro foi considerado a função mais glamourosa na carreira de um jornalista profissional. Parece brincadeira, mas é quase sério. Apesar de todas as críticas, ameaças e riscos, ainda têm muitos jovens jornalistas que almejam se tornar correspondentes internacionais (BRASIL³, 2014).

Mas, afinal, como se define um correspondente internacional? Segundo o Dicionário da Comunicação (1978), ele é o “repórter encarregado de fazer a cobertura de determinada cidade ou região, dentro ou fora do país, e de enviar regularmente notícias e artigos para a empresa jornalística que representa” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 135). Ou seja, o correspondente estrangeiro, enquanto profissional, existe fundamentalmente para relatar a seus conterrâneos aquilo que pode ser interessante a respeito das terras distantes. Trata-se, segundo explica Antônio Brasil, de “um repórter fixado numa cidade estrangeira – muitas vezes a capital de um país –, sendo responsável por uma região, um país ou, às vezes, até um continente inteiro” (BRASIL, 2012, p. 778). Este conceito básico da profissão, amplamente aceito pelos estudiosos sobre o assunto é, também, o que se observa na prática das redações.

Vale fazer uma ressalva: para o público geral e os menos familiarizados com os bastidores da produção jornalística, acontece certa confusão entre a figura do correspondente estrangeiro e a do enviado especial. O correspondente se muda para outro país e vive lá para poder desempenhar seu ofício, enquanto o enviado especial é apenas um repórter que viaja temporariamente a determinado local para cobrir algum assunto de interesse público, como uma grande catástrofe natural ou um atentado terrorista, por exemplo.

³ Disponível em:

<http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/02/correspondentes-internacionais-procuram-alternativas-para-a-crise-no-jornalismo-4423194.html>. Acesso em 03/04/2016.

Em entrevista à autora deste artigo, o jornalista colombiano Waldheim García Sanches Montoya, correspondente-chefe da Agência EFE em São Paulo, pontua bem o que difere o trabalho de um enviado e de um correspondente:

O correspondente internacional tem fontes, se movimenta, já tem uma base de trabalho no país onde a notícia está acontecendo. Não é o mesmo que um enviado especial, que muitas vezes nem fala a língua daquele país. É interessante, lógico, ter uma equipe de jornalistas enviados para fazer a cobertura de, por exemplo, eleições ou Jogos Olímpicos. É um trabalho de muito valor, mas não é o mesmo de um correspondente. O correspondente já está sediado no lugar. Já conhece o lugar. O enviado especial não [...]. O correspondente já está lá, tem fontes, tem seus próprios mecanismos e ferramentas para fazer a cobertura (MONTROYA⁴, 2016).

Em entrevista a este artigo, Ivan Paganotti (jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e docente na Universidade Anhembi Morumbi) afirma que além de colher as notícias, o correspondente pode trabalhar com características culturais mais ricas. Ele também tem mais tempo para cultivar fontes e semear histórias aos poucos aos seus leitores.

A relevância do olhar

É desnecessário explicar a importância do trabalho de um médico ou de um bombeiro: já está enraizado no imaginário coletivo que eles salvam vidas. O mesmo vale para um professor ou um engenheiro, entre tantas outras profissões – é amplamente sabido de que maneira cada um desses profissionais contribui para a manutenção da vida em sociedade. Mas e o correspondente estrangeiro? Nem sempre fica evidente sua relevância para a população. Isso acontece devido à característica solitária do ofício e pela distância física do jornalista em relação a sua terra natal e aos consumidores da informação. Por isso mesmo, se mostra necessário esmiuçar a importância que ele tem.

Para esclarecer a pertinência do trabalho do correspondente, pode-se começar ressaltando que esse tipo de jornalista aborda assuntos diversos: de esportes à política; de catástrofes naturais a festas típicas; de comportamento e estilo de vida à economia, entre tantos outros tópicos. Ele é como uma ponte que conecta dois lugares distantes e facilita o

⁴ Entrevista concedida à autora deste artigo.

entendimento de uma cultura. É, antes de tudo, um observador, experimentador, viajante e curioso que se dispõe a viver longe de onde tem raízes para conhecer e compartilhar o que vê do mundo. É um jornalista como tantos outros, claro, mas com traços de intérprete e antropólogo.

Para Zélia Leal Adghirni (ex-correspondente e docente da Universidade de Brasília), a importância dos correspondentes é clara:

A presença do jornalista no lugar onde os fatos acontecem, além de servir de testemunho, ultrapassa a descrição dos próprios fatos. Pela obra de grandes jornalistas que foram correspondentes de guerra, como Ernest Hemingway e Robert Fisk, os registros vão além dos acontecimentos para se entrelaçar com a história e a literatura. [...] A dimensão de singularidade do olhar do correspondente se estende às relações que o jornalismo estabelece com a antropologia, com a história e com a literatura porque vão além do registro do instante jornalístico. Eles produzem sentido ao atribuir significados entre distâncias e culturas. (ADGHIRNI, 2013, p. 36)

É justamente no olhar do jornalista estrangeiro que reside a maior contribuição deste profissional para a sociedade. Como lembra Silva, no atual momento histórico, a economia, a política, a ciência e a cultura de cada sociedade estão inter-relacionadas e dependem do que acontece além das fronteiras nacionais (2011). Para ele, “a ocupação do jornalista que anda pelo mundo para reportá-lo está entre as mais típicas da era da globalização, ao lado da do executivo de negócios, do diplomata, do cientista, do acadêmico, do artista e do atleta” (SILVA, 2011, p. 9). Dentre todos estes profissionais, explica o autor, a função do correspondente se destaca, pois é a partir de seus relatos que as pessoas começam a criar uma consciência do mundo. Esse tipo de jornalista é especialmente importante para as “pessoas que não viajam muito para o exterior, mas são afetadas pela globalização de qualquer modo” (SILVA, 2011, p.9). O jornalista e docente na Cardiff University (Reino Unido) diz acreditar que testemunhar os fatos, isto é, estar próximo a eles, figura entre os papéis mais fundamentais do jornalista. “A essência de um jornalismo impactante é poder dizer: ‘eu sei o que se passou porque eu estava lá e presenciei’” (SAMBROOK, 2016).

O pesquisador Ivan Paganotti (2016) lembra que, no passado, era comum atribuir força e relevância a um veículo jornalístico de acordo com a quantidade de sucursais fora

do país. Porém, em decorrência das crises que o jornalismo vem sofrendo, o número de correspondente sofreu drástica redução nos últimos anos.

O correspondente, como todo jornalista, é um representante de seu público, leva seu olhar e suas questões para perto do acontecimento. Se usarmos somente material de agências internacionais, recebemos as informações empacotadas a partir de perspectivas estrangeiras, sem levar em consideração o apetite local por temas que são interessantes para seu público local (PAGANOTTI, 2016).

Fragmentos de história

Segundo aponta João Batista Natali, a Enciclopédia Britânica cita o banqueiro alemão Jacob Függer como criador da *newsletter* – um recurso amplamente usado até hoje no jornalismo (2004, p. 21). Segundo Natali, Függer teria sido a primeira pessoa a contratar agentes que se comprometiam a enviar com regularidade informações úteis do exterior (como cotações de mercadorias, pedágios de alfândegas, relatos de conflitos regionais e riscos de tráfego pelas estradas). É por isso que se pode dizer que “o jornalismo nasceu, isto sim, sob forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes” (NATALI, 2004, p. 23). Em outras palavras, o jornalismo surgiu pelas atividades de correspondentes internacionais sem que nem eles mesmos se dessem conta que aquele era o marco inicial de um novo e duradouro ofício.

Acredita-se que as décadas de 1930 a 1960 tenham sido a fase de ouro para o correspondente internacional nos países desenvolvidos (SILVA, 2011). Nessa época, os veículos de comunicação ainda tinham muitos recursos financeiros e era grande a procura do público por informações sobre os conflitos armados. Além disso, “o culto às celebridades de outros países estava em formação e atraía bastante a curiosidade de massas ávidas por imagens e rumores que não eram acessíveis a qualquer pessoa com poucos cliques no computador ou no telefone celular, como agora o são” (SILVA, 2011, p. 10). No entanto, o autor também ressalta que no Brasil daquela época, a produção jornalística ainda era tímida em comparação aos países desenvolvidos e, por isso, poucos jornais possuíam os recursos necessários para manter correspondentes vivendo no exterior.

Assim, o período de apogeu da correspondência internacional não foi desfrutado com a mesma intensidade no Brasil, onde os melhores

momentos dessa atividade vieram com a consolidação da indústria da comunicação (mais ou menos do fim dos anos 1960 até o início da década de 1990), quando, no entanto, algumas das circunstâncias econômicas, materiais, tecnológicas que levaram ao declínio paulatino da correspondência internacional nos países centrais do capitalismo já apareciam e influíam sobre as práticas da indústria em todo o mundo, aqui inclusive (SILVA, 2011, p. 10).

De lá para cá, conforme novas tecnologias surgiram, os repórteres e as redações utilizaram os mais diversos meios de transmissão de informação. Conforme defende Zélia Leal Adghirni, desde os tempos do pombo correio até os posts no Twitter, a notícia sempre busca a maneira mais rápida de chegar ao leitor (2013, p. 34). Essa mesma ideia é compartilhada pelas pesquisadoras Dione Oliveira Moura e Luciane Agnez:

O desenvolvimento das tecnologias acompanhou toda a história dos correspondentes internacionais, desde as cartas que atravessavam continentes até os canais de notícias 24 horas e a internet, que hoje permitem ao profissional saber o que está acontecendo em todas as partes⁵ (AGNEZ E MOURA, 2012, p. 282).

Porém, ao mesmo tempo em que tecnologias como a internet facilitaram imensamente a transmissão de informações do correspondente à redação e vice-versa, elas também trouxeram novos desafios para a profissão, que segue mudando e exige a adaptação do profissional. As dificuldades não são de cunho técnico como no rudimentar início do ofício, mas são, isso sim, uma questão de adaptação de um velho modelo a uma nova realidade.

Ser correspondente na atualidade

Nos primórdios da atuação dos correspondentes estrangeiros, uma das maiores dificuldades era vencer longas distâncias para que as notícias chegassem a tempo às redações. Hoje, isso foi superado. Telefonia, satélites e internet deixaram para trás os pombos-correios, cavalos, telégrafo e ferrovias, antes essenciais para a transmissão do trabalho dos jornalistas. No entanto, outros problemas surgiram. Agora, como salienta

⁵ Tradução do espanhol para o português feita pela autora.

Silva, as empresas jornalísticas tradicionais do ocidente “enfrentam dilemas estruturais sem precedentes e dificuldades financeiras que constroem muito sua capacidade de manter repórteres permanentemente em cidades distantes de sua sede” (SILVA, 2011, p.10).

Apesar do cenário pouco favorável, um estudo de Adghirni com diversos jornalistas revelou que o posto de correspondente internacional continua carregando certa aura de glamour (ADGHIRNI, 2013, p. 45). O irônico é que, embora a fama da carreira se mantenha, o número de correspondentes despenca (e o volume de trabalho aumenta!).

No jornal O Estado de S. Paulo, por exemplo, a atual equipe da editoria de internacional tem apenas dez jornalistas dentro da redação e mais cinco correspondentes pelo mundo, conforme relata o editor Roberto Lameirinhas em entrevista a este artigo. Lameirinhas começou a trabalhar no jornal em 1987 e relata que a redação da editoria de internacional, naqueles tempos, tinha 20 jornalistas e vários correspondentes, muitos mais do que hoje. “Antigamente, a gente tinha praças de correspondentes que acabaram fechadas ao longo do tempo, porque deixaram de fazer sentido”, esclarece ele (2016). Algumas das cidades que perderam correspondentes ao longo da história d’O Estado de S. Paulo foram Moscou (Rússia), Berlim (Alemanha), Londres (Reino Unido) e Madri (Espanha).

Hoje em dia, o jornal mantém cinco correspondentes fixos (contratados): um em Buenos Aires (Argentina), um em Washington (Estados Unidos), dois em Paris (França) e um em Genebra (Suíça). Estes correspondentes escrevem para todas as editorias do jornal e são eles mesmos que costumam sugerir as pautas, mas também mandam reportagens sobre assuntos que os editores no Brasil pedem. Eventualmente, o jornal compra reportagens de correspondentes freelancers, mas mesmo isso tem sido cada vez mais evitado por questões financeiras.

Já a Folha de S. Paulo, em meados dos anos 1990, chegou a ter 20 correspondentes internacionais. Porém, hoje, há apenas quatro contratados: um em Washington (Estado Unidos), um em Nova York (Estados Unidos), um em Buenos Aires (Argentina) e um em Londres (Reino Unido). O jornal também conta com eventuais colaboradores freelancers sediados em outras cidades pelo mundo – no geral, estes colaboradores costumam ser ex-jornalistas da Folha que decidiram por conta própria sair do jornal e se mudar para o exterior. Em entrevista a esta dissertação, Juliano Ribeiro de Lima Machado, editor-adjunto da editoria Mundo na Folha de S. Paulo, revelou:

Os correspondentes têm autonomia para sugerir pautas, embora muitas vezes sejam pautados por nós ou diretamente pela Secretaria de Redação.

Não há uma periodicidade determinada, mas espera-se ao menos duas ou três matérias por semana. No caso de coberturas grandes, como eleições ou atentados, são matérias diárias (MACHADO⁶, 2016).

Mas quantas pessoas atualmente trabalham como correspondentes em todo o mundo? No que diz respeito aos números globais, parece não haver sequer uma estimativa. Aqui no Brasil, a situação é ligeiramente diferente. Existem aproximações, mas não números exatos. Em entrevista a esta dissertação, a jornalista holandesa Stijntje Blankendaal, presidente da Associação dos Correspondentes Estrangeiros de São Paulo (ACE), afirma que ninguém – ou nenhuma organização – sabe o número certo de correspondentes estrangeiros em solo brasileiro. Blankendaal conta que a ACE tem atualmente 70 associados que vivem em São Paulo, enquanto a Associação dos Correspondentes de Imprensa (ACIE), do Rio de Janeiro, contabiliza cem associados. Mas vale fazer uma ressalva: nem todos eles são, de fato, estrangeiros vivendo no Brasil para trabalhar como jornalistas. Alguns são brasileiros que escrevem em outros idiomas e enviam matérias para o exterior. Dentre os associados da ACE, Blankendaal conta haver de tudo, desde “correspondentes de agências (às vezes sendo brasileiro), freelancers, que trabalham para várias mídias e correspondentes ligados a um único jornal (fixo ou freelancer)” (BLANKENDAAL⁷, 2016).

Segundo Blankendaal, houve um grande aumento na quantidade de correspondentes estrangeiros em solo brasileiro nos últimos anos em função do crescimento econômico do país e dos megaeventos esportivos.

Características e perfil profissional

A profissão de correspondente exige um perfil minimamente adequado. Um ponto básico é dominar com fluência a língua do país onde se irá viver. Isso é indispensável para que o jornalista possa entender profundamente a política, economia, cultura e sociedade do lugar e, assim, consiga reportar com maior clareza e exatidão (SILVA, 2011).

É também válido dizer que a ocupação pode ser, por vezes, bastante solitária, já que familiares e amigos permanecem no país de origem. Buscar apoio em associações de jornalistas estrangeiros pode tornar o processo de adaptação mais fácil (BLANKENDAAL, 2016). Já a distância dos colegas de redação costuma trazer autonomia, mas pode ser um

⁶ Entrevista concedida à autora deste artigo.

⁷ Entrevista concedida à autora deste artigo.

obstáculo caso a pessoa não consiga motivar a si mesma. O jornalista que vive no exterior precisa de determinação e resistência para dar conta do trabalho (SAMBROOK, 2016).

Esse tipo de jornalista também deve estar munido de autossuficiência. Para John Hamilton e Eric Jenner, professores e pesquisadores de comunicação na Louisiana State University (EUA), o número cada vez menor de correspondentes estrangeiros em atividade no mundo segue uma tendência darwinista, em que os mais adaptados sobrevivem (HAMILTON; JENNER, 2004). Isso significa que é fundamental ter a consciência de que raramente haverá verba para um fotógrafo ou um cinegrafista acompanhar a apuração. O ideal, em termos econômicos para o veículo jornalístico, é que o correspondente consiga fazer sozinho o trabalho todo: apurar, escrever, fotografar, filmar, gravar áudio e o que mais seja necessário para complementar suas próprias reportagens. Ou seja, ser multitarefa é outra demanda do ofício que a atualidade impõe (LAMEIRINHAS⁸, 2015).

Outra característica esperada é que o correspondente tenha a capacidade – e o interesse – de cobrir todo e qualquer assunto, desde política a cultura (SILVA, 2011, p. 11). A justificativa para isso é simples: ao contrário de uma redação que possui diversos repórteres em cada editoria, o correspondente, por estar sozinho, tem de dar conta de reportar os diferentes assuntos de interesse do público no país onde está sediado. Ademais, não basta estar apto a reportar tudo isso. Também é importante ter a capacidade de se autopautar, ou seja, conseguir discernir os fatos que merecem uma cobertura (BRASIL, 2012, p. 778).

Como um correspondente reportou a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014

O jornalista britânico Dom Phillips é correspondente do jornal americano *The Washington Post* e também colabora eventualmente com publicações como *Time*, *The Guardian* e *The Observer*. Desde 2007 no Brasil, ele já morou em São Paulo (SP) e, atualmente, vive no Rio de Janeiro (RJ). A escolha por estudar este correspondente se justifica pelo fato de ele estar há bastante tempo no país. Como já foi dito anteriormente, esse tempo de vivência o difere de enviados especiais que chegam “de paraquedas” ao Brasil, apenas para cobrir a Copa do Mundo.

Foram estudadas 13 matérias de autoria de Dom Phillips, publicadas de maio a julho no site do jornal *The Washington Post* sobre o campeonato. O objetivo era analisar as reportagens para compreender o que estava sendo dito ao mundo sobre o Brasil e como a

⁸ Entrevista concedida à autora desta dissertação por telefone. Transcrição nos Apêndices.

mensagem era passada. Para isso, foram feitas leitura e análise das matérias, cujos resultados serão comentados a seguir.

As matérias tiveram, em média, 6.345 caracteres (com espaço), sendo que a menor delas (3.183 caracteres) fala sobre os protestos que tomaram as cidades sede dias antes de o torneio começar. A mais longa delas (7.863 caracteres) narra como o Brasil colocou todo o peso da Copa nas costas do jogador Neymar. As matérias foram publicadas, em média, uma vez por semana.

Entre os recursos visuais utilizados para ilustrar as reportagens, a fotografia tem lugar de destaque. Elas são majoritariamente usadas na forma de galeria (conjunto de imagens, que o leitor vê conforme clica na seta de avanço). Esse recurso esteve presente em 10 das matérias. No total, foram utilizadas 303 fotografias nas 13 matérias estudadas. Dessas, 295 (portanto a grande maioria, representando 97,3% do total) são imagens de agências de notícias internacionais. Apenas duas fotos foram tiradas por Phillips e outras seis tinham autoria de fotógrafos brasileiros.

Já os vídeos foram utilizados de maneira mais restrita: apenas 14 – sendo que algumas matérias não contaram com o recurso e outras apresentavam de dois a três. A principal característica em comum entre a maioria dos vídeos era sua curta duração: não passavam de três minutos. Dois deles foram comprados de agências internacionais e 11 tinham autoria do próprio *The Washington Post*, e mostravam fotografias dos jogos com informações sobre a copa, além de imagens das torcidas, em uma edição extremamente simples. O vídeo que mais destoou dessa maioria foi um (único) em que Phillips aparece: o repórter está na casa de uma família brasileira moradora de uma favela no bairro do Jaguaré, em São Paulo (SP). Lá, ele acompanhou um dos jogos da Copa – que foi assistido na laje da casa – e passa suas impressões aos expectadores. Outro vídeo que foge ao padrão utilizado pelo jornal é uma produção do documentarista Joe Capra, que retratou o Rio de Janeiro de forma artística, por meio de recursos avançados de captação e edição de vídeo. Porém, este vídeo não foi produzido especificamente para o jornal. Trata-se de uma produção independente que apenas foi utilizada para ilustrar uma matéria que tratava do sentimento de divisão do povo brasileiro em relação à Copa.

A respeito das fontes consultadas pelo jornalista, é interessante notar que, nas 13 matérias em questão, 98 fontes foram citadas – o que gera uma média de 7,5 por matéria. O mais curioso é que este levantamento revela uma característica importante do trabalho do repórter: Phillips dá voz às pessoas comuns, ouve o que elas têm a dizer. Trabalhadores,

estudantes, donas de casa... Eles são a maioria dos entrevistados. Das 97 fontes, essas pessoas comuns são 59. Em seguida (totalizando 16 fontes), vêm falas de políticos e pessoas com cargos oficiais, que foram retiradas de pronunciamentos e de entrevistas a outros veículos. Depois, estão as fontes oficiais ouvidas pelo próprio Phillips (14 entrevistados) – seja por telefone ou pessoalmente. Por último, em menor quantidade (9 entrevistados), há os depoimentos de especialistas, autores de livros e professores universitários, que comentam os temas abordados nas matérias (como arte urbana, violência, arquitetura...).

Toda a pesquisa se mostrou interessante, mas o fato mais relevante da análise talvez seja este: nenhum dos textos apresentava um balanço predominantemente positivo ou favorável em relação ao país e à Copa. Das 13 matérias em questão, nove delas continham uma mensagem predominantemente negativa sobre o país e as outras quatro mostravam uma visão relativamente neutra.

Por “mensagem negativa” entende-se a matéria que critica, aponta, elenca, cita ou descreve aspectos negativos e/ou problemas visíveis na sociedade, de modo que a sensação final ao ler a reportagem é de que algo não vai bem. Como “visão neutra” foram considerados os textos que apresentava aspectos positivos e negativos de forma balanceada, de modo que a mensagem final soasse como equânime e ponderada.

A análise permitiu a observação de que o assunto mais presente nas reportagens são os protestos feitos contra o mundial da Fifa. O autor assinala constantemente a violência desses movimentos, especialmente causada pela repressão policial. Outro tópico que salta aos olhos do observador estrangeiro são os elevados gastos com as obras da Copa, que seriam injustificados, na visão do jornalista, em um país onde metade das crianças passa fome e boa parte da população vive em comunidades carentes, sem o mínimo de infraestrutura.

Deficiências na área de saúde, educação e habitação, bem como o transporte e logística complicados são frequentemente citados como contraponto a todos os investimentos feitos em estádios. O descaso com o cumprimento de prazos das obras, relatado pelo repórter como algo intrínseco à cultura brasileira, também fica claro nos textos. Pobreza e outras questões sociais (como os despejos que as obras da Copa causaram às populações mais vulneráveis) também são assuntos que se mostram sempre presentes.

Entre todas as matérias, apenas uma faz um apontamento verdadeiramente positivo sobre o campeonato: “*So far, this has been an exceptionally good tournament, with a high*

number of goals” (27/06/2014). Esta frase está em uma das quatro matérias consideradas neutras. Apesar de ser um bom elogio ao torneio, a frase não foi suficiente para classificar a matéria como positiva, visto que a afirmação se refere exclusivamente à qualidade dos jogos e esse mesmo texto elenca diversos pontos negativos, como a violência dos protestos – que culminou, inclusive, em uma morte.

Considerações finais

Este artigo permitiu uma reflexão acerca das atuais possibilidades e limitações do exercício da profissão de correspondente internacional. Também foram apresentados os resultados da análise de matérias de um correspondente estrangeiro no Brasil durante a Copa do Mundo da FIFA 2014.

Em suma, o que se nota de mais atual a respeito da profissão de correspondente internacional é que o cargo tem sofrido pressões de cunho econômico (devido aos altos custos de manutenção do profissional no exterior e o baixo retorno financeiro para a empresa jornalística) e tecnológico (uma vez que o correspondente concorre com a rapidez das agências de notícias e com os próprios cidadãos que, munidos de câmeras, registram os eventos e os divulgam nas redes sociais).

Apesar de tais dificuldades, a profissão resiste e sobrevive. Pode-se inferir, então, é que real a necessidade da presença desse olhar no lugar onde os fatos ocorrem, isto é, um repórter que possa observar o que se passa em certa localidade e seja capaz de comunicar com eficácia a seus conterrâneos o que acontece em terras distantes. O ser humano criou a prensa, o telégrafo, o rádio, o telefone, a televisão e a internet, mas esses recursos tecnológicos não se operam sozinhos e, pelo menos por enquanto, não são capazes de transmitir uma informação sem o esforço de pessoas que observem e reportem os fatos. É por isso que, no presente momento, pode-se concluir que o cargo de correspondente internacional passa sim por uma crise, no sentido de redução de pessoal por conta de dificuldades financeiras e mudanças de paradigmas tecnológicos, mas isso não significa que a função irá entrar em extinção.

Na segunda parte deste artigo, o objeto de estudo foi a cobertura feita pelo correspondente Dom Phillips durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. Foram analisadas 13 matérias assinadas por Phillips que tratavam sobre o mundial e que foram publicadas de maio a julho daquele ano no site do jornal *The Washington Post*, em inglês.

As conclusões da análise mostram que as matérias em questão continham uma

mensagem predominantemente negativa sobre o país: dos 13 textos, nove traziam críticas e apontavam ou descreviam aspectos negativos e problemas sociais do país, tecendo um cenário pouco animador. As outras quatro mantinham uma visão amena, que por apresentar pontos positivos e negativos de forma balanceada, foram consideradas neutras.

Os pontos que mais receberam destaque pelo jornalista foram: a violência da repressão policial aos movimentos pré e durante evento, os elevados gastos com as obras da Copa, a dificuldade de cumprimento de prazos (especialmente no que se refere às obras da Copa), a pobreza em que parte do país vive e a precariedade em infraestrutura, educação e saúde.

É curioso notar, no entanto, que as fotografias que ilustravam as matérias (97,3% delas vindas de agências de notícias) não dialogavam necessariamente com os textos. Enquanto as reportagens faziam críticas, a maioria das imagens mostrava cenas de jogos e torcedores. Nota-se, por tanto, um discurso descolado das fotografias, de modo que é preciso realmente ler o texto para se ter um panorama da situação reportada pelo correspondente, uma vez que as imagens eram meramente dos jogos. Está aí, novamente, a importância do olhar do observador estrangeiro: enquanto as lentes padronizadas das agências de notícias mostram uma visão homogênea do evento, o texto do correspondente que está no local extrapola esse padrão e vai além: ele registra em palavras o que só um repórter em campo consegue perceber, ver e sentir.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 28, pp. 35-52, julho/2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41160/26092>. Acesso em: 21-03-2015.

AGNEZ, Luciane Fassarella. Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais. 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade De Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

_____; MOURA, Dione Oliveira. Corresponsales internacionales: problematización en torno a la era digital y el periodismo. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* – ano 9, n. 17, 2o semestre/2012. São Paulo: ALAIC, 2012.

AGUIAR, Pedro. Jornalismo internacional em redes. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101411/estudos20.pdf>. Acesso em: 25-04-2015.

_____. Notas para uma história do jornalismo de agências. Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de História da Mídia – GT História do Jornalismo. Fortaleza, 2009.

BRASIL, Antonio. A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 19, n. 3, pp 775-794, setembro-dezembro/2012.

_____. Correspondentes internacionais procuram alternativas para a crise no jornalismo. Diário Catarinense, 18/02/2014. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/02/correspondentes-internacionais-procuram-alternativas-para-a-crise-no-jornalismo-4423194.html>. Acesso em 03-04-2016.

_____. Manual Do Correspondente Internacional Na Era Digital. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2014

_____. Entrevista concedida para Maria Clara Nicolau Vieira em.

HAMILTON, John M.; JENNER, Eric. Foreign Correspondence: Evolution, Not Extinction. Nieman Reports, setembro/2004. Disponível em: <http://niemanreports.org/articles/foreign-correspondence-evolution-not-extinction/>. Acesso em 31-05-2015.

LAMEIRINHAS, Roberto. Entrevista concedida para Maria Clara Nicolau Vieira em 27/10/2015.

MONTOYA, Wadlheim Garcia Sanches. Entrevista concedida para Maria Clara Nicolau Vieira em 23/03/2016.

NATALI, João Batista. Jornalismo internacional. São Paulo: Contexto, 2014.

PAGANOTTI, Ivan. Entrevista concedida para Maria Clara Nicolau Vieira em 28/03/2016.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Sobrinho. Dicionário da Comunicação. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.

SAMBROOK, Richard. Are Foreign Correspondents Redundant? - The changing face of international news. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2010.

_____. Entrevista concedida para Maria Clara Nicolau Vieira em 24/04/2016.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Correspondente Internacional. São Paulo: Editora Contexto, 2011.